O prelúdio do desejo

Carlos Reis

O prelúdio do desejo

Cazulo
EDITORA

Salvador
2012

Direitos desta edição © reservados a: Carlos Reis Agni

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo por expressa autorização da Editora/Autor, por escrito.
Todos os direitos reservados ao Autor.

Editora Cazulo

Ilustração da Capa:
Uilliams Cunha Alves

Editoração Eletrônica:
Lino Greenhalgh

Digitação:
Geovanne Cardoso

Correção:
André Santos da Paixão

Agni, Carlos Reis.
O Prelúdio do desejo / Carlos Reis Agni. – Salvador: 2012.

160 páginas; 14x21 cm.

ISBN (?)

Literatura brasileira - romance, ficção. I. Título.

CDU 869.0(81)-31

Dedico este romance:

– à enfermeira Nancy Santiago, um ser especial em minha vida;

– a Helvécio Meira, por sua especial dedicação aos meus trabalhos literários, verdadeiro mestre e amigo;

– a Geovanne Cardoso, por sua participação e incentivo na materialização desta obra;

– ao amigo André Santos da Paixão, professor de Português, por ter feito a correção desta obra;

– ao amigo e advogado Dr. Gonzalo Laerte Blanco Quesada, por estar sempre presente em nossas lutas;

– ao amigo Sergio Agra, pelo incentivo e valorização dos meus trabalhos.

Prefácio

Carlos Reis Agni concede-me a honra de prefaciar o seu segundo livro, "O Prelúdio do Desejo", no qual mostra o grande poder de criatividade de que é dotado e que nos permite vivenciar um futuro cheio de emoções para os leitores, que gostam de viver as aventuras que sua mensagem é capaz de repassar-nos.

Carlos Reis Agni é escritor romancista e poeta cheio de vida; um poeta que vive todos os momentos como se o fosse o último. Nada é capaz de calar sua voz audaz. Nem as adversidades, nem as desilusões, nem os percalços da vida lhe tiram o ânimo de transferir, a todas as pessoas, o sentimento profundo que experimenta no dia-a-dia de seu viver. Sua consciência livre é fruto de uma vivência espiritual profunda e um comportamento coerente, tanto no passado quanto no presente, com os valores maiores da própria vida. A seriedade de seu trabalho tem muito a ver com esses valores que prega ou questiona.

Homem místico, sempre tranquilo, com ar de quem sabe das coisas como verdadeiramente acontecem, forte como todo nordestino, sofrido como todo brasileiro, alegre e triste, atirado e prudente, personalidade firme, timbre de voz grave, mensagem curta e objetiva ao falar, este é o retrato visível de sua alma, ao se apresentar. Em seus escritos, nota-se fluidez nas palavras, linguagem metafórica, rica de sentimento e realismo, plena de graça e fantasia; este é o retrato deste livro, em segunda edição. Histórias emocionantes aqui se acham inseridas, estranhas, surpreendentes e extraordinárias.

Do autor esperamos outros bons trabalhos, mas o "Prelúdio do Desejo" lutará por um lugar ao sol, concorrendo fortemente para ser uma obra-prima. A melhor divulgação será, com certeza, promovida por todos os que à leitura dele tiverem acesso.

Helvécio Meira

Capítulo I

Em um dia comum, surgiam no espaço fumaças, não eram mensagens ou sinais, como das antigas tribos indígenas norte-americanas. Aquelas fumaças surgiam das chamas de pequena fogueira, que consumia gravetos e galhos. Fogueira que aquecia as mãos, o corpo e a desilusão daqueles de quem a vida tirou a esperança.

A vegetação dividia o espaço com a fogueira e a margem de um quase extinto riacho que foi massacrado pela agressividade do progresso, tirando a beleza e a liberdade daquela nascente, um dia – expressivo rio.

E no meio da vegetação, uma flor selvagem insistia em sobreviver, não se intimidando à imensa arquitetura de uma ponte que une os homens nos seus interesses, mas não os une em igualdade. Os que passavam a distância não notavam aquela fumaça, pois não era um sinal; apenas surgia debaixo daquela ponte. Sentado à margem do riacho, alguém entoava, com uma viola, uma canção.

Bem próximo, outro homem, com uma caneca, bebia lentamente um líquido quente e, com olhar distante, falava de uma forma como se fosse para si mesmo:

– A música é tudo o que temos.

Ele levanta-se e fala:

– Tudo acontece de repente, a vida nos apanha de surpresa e nos joga em labirintos, onde não há respostas.

Aquele que entoava com a viola uma música, para de tocar por um instante...

E com o olhar distante, fala baixo para si:

– Tudo parece estar vazio, eu tento viver os meus dias como se fossem os últimos.

E abaixando-se próximo ao outro, continua:

– Toque aquela música que arrebenta meu ser e que a mim faz chorar.

– Você está apaixonado, cara!

O outro sorri um riso distante, dizendo:

– Estou apaixonado pela vida, mas ela insiste em me desprezar.

E assim se passaram as horas. Tocaram e ouviram o som da viola; ora atiravam pedras ao riacho. No final da tarde, começou a ventar muito forte. O céu aos poucos foi ficando negro, com nuvens carregadas, prometendo um forte temporal. Eles apanharam o pouco que lhes pertencia e seguiram pela ponte em busca de abrigo. Com um deles, a viola ia ao ombro.

Logo, começou a chover. Os veículos trafegavam guiados pela pressa e pela ansiedade daqueles que temiam o temporal da grande São Paulo. Muitos subiam e desciam pelas ruas, na busca de chegar a seus lares, e assim se passaram horas. Já era noite, chovia muito, ruas alagadas, cenário de desespero e medo para aqueles que trafegavam pelas esquinas, em busca de abrigo; o céu parecia estar confuso, raios acendiam, escrevendo no horizonte negro; os trovões arrebentavam os céus; era como se Deus falasse.

Os homens que trafegavam, entre seus desesperos, não paravam para contemplar a comemoração da vida através do temporal; quase ninguém observava, e os que o faziam não tinham pa-